



Relações de poder e a resiliência das feministas rurais no Nordeste

Gabriela Monteiro Araújo*

RESUMO

A temática deste artigo é agência intrínseca das mulheres nascidas sob o signo marcante das relações de poder patriarcais no Nordeste rural e o posterior processo de identificação e autoafirmação como feministas a partir de suas experiências e militância no Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE). Objetivamos investigar como as mulheres exercem resistência a partir do dinamismo e da criatividade para construir forças contrárias nas relações de poder e superar os papéis tradicionais de gênero no Nordeste rural. Como metodologia procuramos relacionar esse contra-poder das mulheres com a sua aproximação e pertencimento ao MMTR-NE. Elaborando uma investigação feminista, a análise situa as mulheres rurais como agentes de conhecimento e se constrói a partir da perspectiva das experiências dessas mulheres na luta cotidiana e política. A rebeldia é um rasgo inerente da capacidade de reação das mulheres do meio rural nordestino e os processos auto-organizativos feministas surgem em suas trajetórias de vida para fomentar o combate à submissão, o exercício de resiliência, a autoafirmação de identidades e a construção de novas relações de poder.

Palavras-chave: Rural. Feminismo. Resiliência. Nordeste.

Relações de poder e a resiliência das feministas rurais no Nordeste

1. Introdução

“Onde há poder, há resistência.”
(Michel Foucault)

A família colonial patriarcal é órgão vital da formação social brasileira e tal estrutura como centro de poder político e de dominação social, econômica e cultural foi expressamente significativa na região Nordeste do país. Durante o processo de

* Pós-graduanda em Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFPE. E-mail: gabrielaaraujo@gmail.com

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



colonização, essas unidades familiares foram orientadas pelo latifúndio, escravagismo e patriarcado. Mesmo na configuração atual, a posição da mulher na família e na sociedade, em geral, aponta para essa herança e demonstra que a família patriarcal foi e é um elemento determinante em nossa construção social. É importante ressaltar que a sociedade brasileira vem passando por significativas transformações econômicas, sociais e demográficas nas últimas duas décadas; dentre elas o aumento acentuado da participação feminina no mercado de trabalho e nos espaços de participação política. Mas conforme afirma Marilena Chauí (1989), apesar da desintegração do patriarcado rural, a mentalidade patriarcal permaneceu na vida e na política brasileira. Assim, a gênese de atitudes autoritárias com a condição feminina verificadas no meio rural contemporâneo pode ser entendida à luz dos esquemas de dominação que caracterizaram o patriarcado tradicional brasileiro (SOUZA, 2000; FREITAS 1997).

No Nordeste rural, a estrutura familiar ainda se expressa marcadamente segundo o padrão patriarcal, no qual o trabalho das mulheres se torna invisível e a sexualidade e a liberdade são altamente controladas. Partindo do conceito atribuído por Weber (WEBER, 2000, p. 184), “chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas”. Neste sentido, é na autoridade doméstica e familiar que se baseia o patriarcado e como tal, conseqüentemente, determina uma divisão sexual que Weber caracterizava como “normal”. E é precisamente essa “naturalidade” que serve ao patriarcado para fins de legitimação.

Para dar conta da complexidade do contexto no qual as mulheres rurais nordestinas estão inseridas, é preciso considerar que o patriarcalismo é, em si mesmo, fonte de desigualdade e articulou, ao mesmo tempo, hierarquias diferentes de poder, gênero, etnia e classe (SAFFIOTI, 1987). A estrutura fundiária de concentração de renda e poder está então entrelaçada por estas três hierarquias/contradições – de gênero, de etnia e de classe. Aqui utilizaremos o conceito de Heleieth Saffioti que defende a dominação-exploração como um único processo, com duas dimensões complementares – político e econômico – e que

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



(porque mulheres escreviam com “a letra mais bonita”) e resistiram à (o)pressão masculina que minimizava a urgência de suas pautas. Muitas continuaram participando simultaneamente do MMTR-NE e dos sindicatos, por considerar este um posicionamento estratégico, mas cientes de que apenas os sindicatos não davam conta da sua legítima necessidade de expressão política. Impulsionadas pelo processo de redemocratização do país, o eco das reivindicações das mulheres à época tratava da reivindicação por direitos sociais; denúncia da discriminação e da violência sofridas pela mulher trabalhadora rural; e da ausência de políticas que garantissem acesso a terra, escolas, serviços de saúde e principalmente aquela que veio ser a maior bandeira de luta no início do MMTR-NE: a documentação da trabalhadora rural.

A missão da organização foi definida como “construir relações justas e igualitárias entre mulheres e homens do Nordeste” e a reflexão crítica do que compunha essa justiça e igualdade gradativamente foi agregando novos elementos e amadurecendo para o que hoje é o projeto político assumidamente feminista rural do MMTR-NE. O movimento foi delineando dinâmicas internas e também relacionadas à conjuntura nesse processo que já dura quase três décadas a fim de manter-se leal a sua identidade feminista reivindicatória e acompanhar as transições históricas no que se refere às questões de classe, raça e gênero no Nordeste rural. Para fins de compreensão, explicita-se aqui que sua estrutura é composta de duas dirigentes por cada estado, totalizando dezoito diretoras regionais que são as responsáveis pela gestão, direcionamento político e planejamento e execução das ações de incidência da organização. E esta tem sido historicamente a maior referência de articulação protagonizada pelas trabalhadoras rurais na região Nordeste do Brasil.

2. Metodologia

Elaborando uma investigação feminista, a presente análise situa as mulheres rurais como agentes de conhecimento e se constrói a partir da perspectiva das experiências dessas mulheres na luta cotidiana e política. Uma investigação

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



linhas invisíveis da normatividade intolerante. Nivedita Menon discorre que o pontoprincipal é precisamente que a ordem social sustenta – não a absoluta presença ou ausência da intolerância a diferença – mas um espectro de intolerância (2012). Ora, se cada um/a de nós tem um papel a desempenhar na narrativa de manutenção dos protocolos da intolerância e do “apropriado”, também temos a agência de quebrar paradigmas e converter a intolerância nos opondo como forças contrárias ou nos utilizando de rachaduras desse espectro. Até mesmo nos utilizando da própria força que sobre nós é exercida e a transformando em recurso.

Se o exercício de poder não é uma estrutura que se mantém inexoravelmente, significa dizer que está em transformação, sujeito a distintas elaborações e em luta constante. Podemos afirmar que o poder toma muitas formas, constituindo-se mais em uma rede de relações complicadas do que em uma relação causal direta (DAVIDOFF, 1995, p. 02). Os sistemas de símbolos que constituem os rótulos atravessam uma construção histórica, uma manutenção social coletiva e institucional e finalmente uma aplicação individual, sendo possível realizar o caminho inverso e disputar forças a partir do indivíduo até a mudança histórica para o nascimento de novos sistemas.

Essa perspectiva devolve aos sujeitos o seu poder inerente e aqui em nosso estudo, esses sujeitos são as mulheres rurais do Nordeste, tantas vezes percebidas pejorativamente como inofensivas. A ordem social de exploração-dominação se interessa por perpetuar o imaginário do senso comum com a figura da mulher pobre, com pouca educação formal, que vive distante da cidade, ignorante e incapaz, submissa e invisibilizada, incapazes de se defender. Mas a realidade incontestável é justamente contrária a essa imagem e os mecanismos de resistência sempre foram acionados por essas mulheres. Ao discorrer sobre violência e vitimização das mulheres, Saffioti expõe:

As mulheres sempre reagem ao agressor, das mais diferentes maneiras. Suas reações podem não ser adequadas para pôr fim à violência de seus parceiros, mas, é importante frisar, existem, se não em todos os casos, pelo menos na maioria esmagadora deles. Por que, então continuar denominando as mulheres que sofrem violência de gênero, especialmente a doméstica e a intrafamiliar, de vítimas? (SAFFIOTI, 2001, p.120)



Há que se desconfiar principalmente de um pensamento vitimista em relação às mulheres, que serve para destituir-lhes de forças no campo de disputa e de vozes no processo histórico. Ainda segundo Saffioti, “é absolutamente imprescindível que a trajetória das mulheres seja descrita para que haja empoderamento social das mulheres” (SAFFIOTI, 2005, p.40). A coragem e a criatividade se configuram incessantemente na reação das mulheres rurais como respostas até mesmo surpreendentes a uma opressão que por vezes se acredita comodamente situada além da condição quebrantável. É possível criar e alcançar formas diversas e distintas de experiências e subjetividades.

4. Feminina Desgarrada

Nunca aceitei a proposta

*Da mulher ser vigiada,
Eu sempre saí sozinha,
De tarde ou de madrugada,
Por isso, em minha família,
Fui ovelha desgarrada.*

*Estes mitos que eu ouvia,
Eu nunca valorizei,
Sempre pensei o contrário,
Por isso os ignorei,
Falei sempre o queria,
Disse aquilo eu pensei.*

(Nazaré Flor)

Os versos do poema que leva o mesmo título deste tópico foram escritos pela trabalhadora rural Maria Nazaré de Souza, natural de Itapipoca, Ceará e expressam belamente uma lealdade a si mesma que trilha caminhos próprios e menospreza o *status quo*. Aqui nos interessa utilizar o conceito de Foucault, que define que esse modo de construir-se a si mesmo como sujeito ético se dá por meio de práticas de liberdade e elaborações éticas da vida, brechas em que também se produzem focos de resistência, pelos quais os grupos e os indivíduos podem operar transformações.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



É este sujeito que reconhece o espectro da intolerância e se recusa a desempenhar um papel pobre e coadjuvante no espetáculo.

No livro *O Segundo Sexo* (1949), a famosa afirmação de Simone de Beauvoir de que “não se nasce mulher, torna-se mulher” ampliou a reflexão crítica da construção social de gênero. No entanto, é interessante observar como as trabalhadoras rurais do MMTR-NE subvertem a ordem desta construção em seus depoimentos. Vale ressaltar que todas as dirigentes da organização se declaram feministas: “Às vezes a mulher já nasce feminista e não se descobriu. Como as meninas que são discriminadas por não querer brincar de casinha. Ou porque quer sentar de perna aberta. Já é feminista, de pequeninha, mas não sabe, só descobre quando entra no Movimento” (Elenita Almeida, quebradeira de coco e dirigente do Maranhão). É perceptível como a agência e inquietude das mulheres ante a dominação-exploração antecedem sua compreensão dos conceitos políticos e na verdade fertilizam suas posteriores práticas auto-organizativas feministas.

Lúcia Félix é trabalhadora rural e dirigente da Paraíba fala: “As mulheres fazem o mesmo serviço que os homens e estão mudando a mentalidade dos maridos, dos filhos. Porque à medida que ela vão discutindo questões de gênero, mesmo que não seja com essa palavra ‘gênero’, elas estão mudando a mentalidade. Elas já nasceram feministas, mesmo sem ter consciência. Vivem na luta”. E Lourdes Silva, trabalhadora rural e dirigente do Piauí, complementa: “Mesmo não sabendo o que é uma luta feminista, elas estão fazendo parte. Elas fazem parte, mas ainda não tem esse conhecimento”. O feminismo brasileiro, que se iniciou nas camadas de classe média, é agora apropriado a partir dos conhecimentos e das vivências das mulheres rurais nordestinas, que nele se reconhecem e passam simultaneamente a se exercer como sujeitos éticos e sujeitos históricos.

É notório como a adesão ao MMTR-NE amplia suas percepções da problemática em que estão inseridas ao familiarizar a teoria e a luta feminista com seus saberes pragmáticos, pois as mulheres conhecem profundamente a realidade que vivem e também as opressões a que têm resistido. É essa transição entre o sujeito-indivíduo que intui a injustiça da ordem social e o sujeito-coletivo que toma consciência da construção histórica das desigualdades e passa a se identificar e

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



5. Conclusão

“O gênero apresenta um caráter determinante, mas deixando sempre espaço para o imponderável, um grau variável de liberdade de opção, determinada margem de manobra.”
(Heleieth Saffioti)

A rebeldia é um rasgo inerente da capacidade de reação das mulheres do meio rural nordestino e os processos auto-organizativos feministas surgem em suas trajetórias de vida para fomentar o combate à submissão, o exercício de resiliência, a autoafirmação de identidades e a construção de novas relações de poder. A reflexão de Maria Verônica de Santana, trabalhadora rural sergipana e atual secretária executiva do MMTR-NE, sintetiza de forma muito sensível o argumento dessa conclusão: “Na solidão de nossos sentimentos reprimidos, qual mulher não sofreu ou sofre algum tipo de violência e se sente frágil, quando na verdade temos força para continuar perpetuando a vida? A lição mais importante é que podemos fazer nossa vida diferente daquela que essa sociedade patriarcal estabeleceu”.

O ciclo que se inicia no exercício desafiador da liberdade e se encaminha para a participação no Movimento, contato e apropriação do conceito e da luta feminista e aprofundamento das práticas de organização política garante o reconhecimento das mulheres como sujeito político e permite que elas transformem suas vidas desde o âmbito privado até a incidência nas políticas públicas. Um excelente exemplo é o Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural (PNDTR) do Governo Federal, resultado direto da articulação e ação das mulheres do MMTR-NE, a partir de sua campanha inicial para garantir o direito das mulheres a terem seus próprios documentos. Mas isso já seria tema para um outro estudo e por agora nós encerramos com a definição de Nivedita Menon (2012), que dialoga em harmonia com as experiências das mulheres rurais do Nordeste: “O feminismo não é uma organização a que se junta formalmente, e isso nunca pode ser uma realização isolada de cada mulher. Ser feminista é sentir-se parte da história que nos

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



produziu;é inserir-se em dois séculos de narrativas espessas e texturizadas de lutas e celebrações que transcendem as fronteiras nacionais; é ouvir os acordos das canções de raiva e tristeza em muitas línguas; é lembrar nossas heroínas, nossas antepassadas; e, acima de tudo, sentir um enorme senso de responsabilidade contínua”. Ou talvez podemos concluir com a sabedoria sincera de Gisélia Ferreira, trabalhadora rural de Sergipe: “Feminismo não é bicho de sete cabeças!”.

REFERENCIAS

- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável. Brasil rural em debate: coletânea de artigos/coord. De Nelson Giordano Delgado. Brasília: CONDRAF/MDA, 2010.
- BORDALO, Caroline Araújo. Sindicatos rurais e movimentos sociais: duas tradições na luta pela representação política das trabalhadoras rurais. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/carolinearaujobordalo.pdf>>. Acesso em:
- CANAL, Maria Inés. Foucault y el discurso Del poder: La resistencia y El arte Del existir. Disponível em: <<http://bandademobius.blogspot.com/2006/10/Foucault-y-el-discurso-dle-poder.html>>. Acesso em: 3 jun., 2014
- CRUZ, Lindalva Alves. Construção da cidadania as mulheres trabalhadoras rurais no Piauí. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2013.
- FÁVERO, Maria Helena. Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. WEB - Textos de Foucault em Português. Paris: Gallimard. 1994. Vol. IV, p. 783-813. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/biblio.html>>. Acesso em: 27 abr., 2014
- MENON, Nivedita. Seeing like a feminist. New Delhi: Zubaan, 2012.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



MMTR-NE. A Estrada da Sabedoria: sistematizando os caminhos para a formação de educadoras rurais do Nordeste. 2008.

MMTR-NE. Relatório da Assembleia Regional, 2012.

MMTR-NE. Relatório da I Oficina de Sistematização, 2012.

MMTR-NE. Relatório da III Reunião da Direção, 2012.

RIPAR, Aline Aparecida; EVANGELISTA, Fabian S. F. Q., PAULA, Fräulein Vidigal. Resiliência e Gênero. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/viewFile/1658/1649>>. Acesso em: 8 mai., 2014

SAFFIOTI, Heleieth I. B. A mulher na sociedade de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu, Campinas, n.16, 2001 pp.115-136.

SILVA, Margarida Pereira da. Histórias de lutas e vitórias de uma trabalhadora rural. 2 ed. Casinhas, PE: Ed. Do autor, 2010.